

Aluna: Maria Luiza Iennaco de Vasconcelos

Cultured monkeys, social learning cast in stones

Michael A. Huffman, Charmalie A.D. Nahallage, and Jean-Baptiste Leca

Esse estudo do manuseio de pedras dos macacos japoneses foi longitudinal com duração de 30 anos que forneceu ideias sobre a natureza do aprendizado social, seu papel na transmissão de inovações comportamentais e a importância da cultura no processo de evolução comportamental, de modo a integrá-los em um quadro multifatorial. Quatro tropas cativas e seis tropas livres foram estudadas no Japão, sendo possível catalogar nichos diferentes e gerações diferentes.

O manuseio de pedras começou a ocorrer horizontalmente entre colegas e posteriormente verticalmente, de mais velhos para mais jovens, se tornando mais comum no decorrer do tempo. Os autores puderam observar sistematicamente esses comportamentos em indivíduos-chave e notaram o importante papel das mães. Se as mães não mexem muito com pedras, seus filhotes demoram mais a praticar o manuseio do que filhotes de mães que mexem com pedras mais frequentemente. Os autores interpretam isso como evidência de “aprendizagem por aprimoramento de estímulos”.

Depois de uma análise de 1,950h de observação, foi constatado uma variabilidade na frequência e na forma como os macacos manuseiam pedras entre as tropas. Especificamente, tropas vizinhas tendiam a ter comportamentos semelhantes do que de tropas geograficamente distantes, o que faz os autores proporem o fenômeno das zonas culturais, com base na observação da migração de machos de uma tropa para a outra, transferindo seus modos de manuseio. Outro fator demográfico seria a idade da estrutura do grupo, ou seja, tropas com ausência de algumas idades mostraram menores proporções de macacos que manuseavam pedras. Com o passar das gerações, houve um aumento na diversidade e complexidade dos padrões de manuseio de pedras.

Além da questão social, os autores identificaram uma questão neuronal ao observar o desenvolvimento da habilidade de manuseio em filhotes. Eles mostram os primeiros comportamentos entre 2 e 3 meses de vida, desenvolvendo-os até mais ou menos 6 meses. Entretanto, somente com 2 anos de idade eles são capazes de executar a tarefa em sua totalidade. Essas observações vão de acordo com o neurodesenvolvimento da espécie.

Cultural Niche Construction: An Introduction

Kevin N. Laland e Michael J. O'Brien

A primeira reflexão que faço aqui é na verdade sobre todos os textos que tenho lido na disciplina. Todos eles têm começado expondo o até então atual paradigma de pensamento de um certo campo e propondo desconstruí-lo. Claro que esse corpo é encontrado em diversas áreas porque os autores precisam expor algum problema para resolvê-lo com sua pesquisa, mas tenho a impressão de estar conhecendo a etologia/primatologia através de perspectivas atualizadas que lutam para se consolidarem como as novas tradições de pensamento/experimento e é incrível observar esse movimento, mesmo que superficialmente. Um possível exemplo da dificuldade que há em se estabelecer novos paradigmas é que pessoas de fora da primatologia geralmente se surpreendem ao saber, digamos, que macacos usam pedras como ferramentas para abrir nozes. Particularmente, esse fato me deixou encantada porque ainda estamos em um contexto que subjulga os animais e eu sempre fui do lado oposto – sempre entendi que os animais eram muito próximos de nós e tinham características e perspectivas inimagináveis para nós. Então ver os vídeos deles pegando palmito, quebrando nozes etc., me deixou muito empolgada com essa possível troca de paradigma fora da primatologia, na qual o senso comum tenda a reconhecer cada vez mais os animais como seres igualmente importantes no planeta.

Eu imagino que os paradigmas antigos sejam de tradições (majoritariamente estadunidenses) dicotômicas repletas de restrições que elevam o *homo sapiens-sapiens* à uma condição divina/superior. Isso funcionou no século passado, mas não funciona mais. A pluralidade e complexidade dos mecanismos e processos dos seres vivos explorados em estudos e teorias recentes são impossíveis de serem rotuladas em algumas caixinhas e por isso é dever das ciências estudar os seres levando em conta todo o contexto que vivem.

Um problema que vejo em estudos contextualizados na etologia/psicologia é a dificuldade de replicação, afinal, quais são as chances de estudos longitudinais *in loco* serem replicados com sucesso? Então me pergunto se toda a teoria de construção de nicho pode ser empiricamente estudada (eu sei que há modelagem no campo e que os autores referenciam alguns trabalhos empíricos no texto, mas ainda não consigo imaginar um estudo experimental). Mesmo assim, a NCT é uma ótima teoria e, como os

autores pretendem no texto, fornece vários *insights* interessantes para estudarmos os seres e consiste em um excelente quadro teórico para as Ciências Humanas.